

# VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



## MULHERES NEGRAS, OPRESSÕES, FEMINISMO NEGRO E ENTRETENIMENTO

Camila Vieira da Silva de Assis <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva discutir as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, a partir das especificidades da relação de gênero e raça. Analisando as mais recorrentes violências vivenciadas por esse grupo de mulheres e apresentando o feminismo negro como aliado para a desconstrução dos estigmas associados as mulheres negras e como movimento de luta de direitos políticos e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** raça; opressões; feminismo negro.

**Abstract:** This article aims to discuss the oppressions faced by black women, based on the specificities of the relationship of gender and race. Analyzing the most recurrent violence experienced by this group of women and presenting black feminism as an ally for the deconstruction of the stigmas associated with black women and as a movement for political and social rights.

**KEY-WORDS:** race; oppressions; black feminism.

### 1. Introdução

Objetiva-se discutir a expressão da relação entre gênero e raça nas opressões vivenciadas pelas mulheres negras. Segundo Aguiar (2007), sociologicamente pode-se dizer que a raça é uma construção social, já que biologicamente a concepção de raça não se sustenta para discutir nossas diferenças enquanto indivíduos, porém na esfera social somos classificados pela raça e isso carrega significados simbólicos e estigmatizados, por exemplo a raça é considerado um dos fatores determinantes no preenchimento das posições na estrutura de classes, bem como nos âmbitos políticos, sociais e econômicos.

O racismo é sustentado pela teoria que uma raça é superior a outra, e no caso do Brasil que a população branca é superior a negra e indígena, e embora o Brasil seja um país miscigenado, o racismo se faz presente em diversas esferas, ficando nítida a existência do mesmo, mas, ainda assim, as pessoas possuem dificuldade de assumir que são racistas, porque

---

<sup>1</sup> Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal do Recôncavo. E-mail: camilavieirasass@gmail.com

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



embora as suas práticas sejam preconceituosas assumi-las é assinar o atestado de que são pessoas racistas.

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177 apud SILVA, 2013, p.110)

Scott (2012), aponta que no uso gramatical a palavra gênero classifica fenômenos e categorias que distinguem grupos, a palavra nesse sentido é atribuída ao feminino e masculino. O termo gênero, apareceu inicialmente entre as feministas americanas, fazendo menção a sistematização social da correlação entre os sexos. “A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (SCOTT, 2012, p.72)

É perceptível que a população branca possui privilégios e que a população negra segue sendo inferiorizada, liderando números de pobreza, desemprego, escolaridade baixa, etc. Quando se trata de opressões existe dentro da população negra um grupo que é ainda mais violentado e oprimido, que são as mulheres negras. As mulheres negras compõe a base da sociedade, estando abaixo da mulher branca, do homem negro e do homem branco, enfrentando assim opressões que partem desses outros grupos. “O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas.” (CARNEIRO, 2003, p.3). Segundo dados do IPEA(2011 apud Silva 2013, p.115), no ano de 2009 13,4 % das mulheres negras viviam em uma situação de extrema pobreza, enquanto apenas 5,5% de mulheres brancas estavam na mesma situação.

O feminismo é o movimento de mulheres que luta pelo alcance de uma sociedade igualitária e traz uma discussão de extrema relevância para o tema e que produz contribuições

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



significativas para o enfrentamento a violência de gênero e raça. Através do feminismo, as mulheres já alcançaram diversas conquistas no âmbito social e político.

Devido ao feminismo abordar de uma maneira geral a luta de mulheres, houve-se a necessidade da criação de algumas vertentes, que fazem um recorte mais específico para determinados grupos de mulheres, uma dessas vertentes é o feminismo negro, que surgiu através das especificidades vivenciadas pelas mulheres negras, que travam lutas também referentes a raça, que é um fator determinante para a vivência de opressões que não acontecem com as mulheres brancas, o feminismo negro é um grande aliado para a discussão sobre as opressões da mulher negra, pois discute e pauta lutas no sentido de desconstruir e derrubar padrões socialmente naturalizados, que posiciona a mulher negra no grupo inferiorizado pela sociedade e que conseqüentemente mais sofre violências.

Além de colocar em questão as contradições que são resultados da articulação entre raça, classe e gênero, a luta das mulheres negras vem enegrecendo o movimento de mulheres do país e feminizando o movimento negro. Carneiro (2013, p.3) aponta que “a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.”

Embora as produções sobre o tema estejam crescendo, percebe-se que esse tema precisa ser ainda mais discutido, pois algumas opressões são tão veladas que as mulheres não as reconhece como violências. Sem o reconhecimento dessas violências, é impossível que aconteça o enfrentamento das opressões partindo das mulheres oprimidas. Através dessa perspectiva esse trabalho objetiva refletir sobre algumas opressões cotidianamente vivenciadas pelas mulheres negras, verificar as contribuições que o feminismo negro traz para o enfrentamento dessas violências e pensar sobre caminhos que podem ser adotados junto ao movimento feminista para o confronto delas.

## **2. Caracterização das opressões vivenciadas pelas mulheres negras.**

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Historicamente a mulher negra sofre opressões, dentro das perspectivas de gênero e raça. “A mulher negra no Brasil é discriminada duas vezes: por ser mulher e por ser negra” (AGUIAR 2007, p.87). Segundo Carneiro (2003), a violação colonial no Brasil e América Latina, dos homens brancos com as mulheres negras e indígenas é o que estrutura as hierarquias sobre gênero e raça, visto que as violências são naturalizadas desde o período colonial e os casos de violências sexuais romantizadas. A violação colonial e a miscigenação originam as construções da identidade nacional e da nossa falsa igualdade/democracia racial. Carneiro (2003, p.1) afirma que as mulheres negras “tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina”

Segundo Silva (2000), as mulheres negras possuem menor prestígio na esfera social e lhe é atribuído um papel subserviente, que as colocam como inferior as mulheres brancas e aos homens brancos e negros, no primeiro caso porque a mulher branca desde o tempo colonial possui uma dominação sobre as mulheres negras, além de serem vistas diferentemente e alcançarem posições que a mulher negra tem inúmeras dificuldades para também alcançar. E é oprimida pelos homens negros e brancos que dentro de uma sociedade machista, “numa ideologia patriarcal e eurocêntrica, acredita que tem maiores qualidades físicas, biológicas, intelectuais, de liderança para gerir a sua vida e a de outrem” (SILVA, 2000, p.4), sobretudo sobre as mulheres negras. Isso porque as relações de dominação sobre as mulheres negras carregam características históricas que traçam o perfil da mulher negra como subservientes, “concorre ainda o aspecto ideológico que alimenta o imaginário social e atrela à mulher negra a imagem de subserviente, menos capaz, “mãezona”, “boazinha” e resignada à sorte.”(SILVA, 2000 p. 4) feias pois não correspondem ao perfil eurocêntrico de beleza, fortes pois são consideradas mulheres capazes de suportar tudo, inclusive qualquer tipo de dor,etc.

Segundo Aguiar (2007), é notável que a pobreza no Brasil tem cor, por isso raça cor e gênero são conceitos essenciais para se pensar sobre as hierarquias sociais. Os casos de

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



agressões físicas também são mais recorrentes com mulheres negras, Waiselfisz (2015) afirma que nos vários Mapas da Violência em que foram abordados a questão da incidência da raça/cor foi notável que a mulher negra é a vítima prioritária da violência homicida e que as taxas de homicídio da população branca, tendem a cair, entretanto essas mesmas taxas tendem a aumentar quando se trata da população negra e por isso o índice de vitimização da população negra tem um crescimento expressivo. Enquanto o número de homicídios de mulheres brancas em 2003 cai em torno de 9,8%, o índice de homicídios de mulheres negras cresce cerca de 54, 2% do mesmo ano. (WAISELFISZ, 2015)

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social. (SILVA, 2013, p.1)

O fato das mulheres negras ocuparem os níveis de pobreza mais altos do país está diretamente relacionado com as oportunidades que são oferecidas a essas mulheres, sabe-se que o acesso à educação é extremamente precarizado e pouco incentivado e várias mulheres têm que abandonar a escola para ajudar ou até mesmo manter o sustento da família e além disso as oportunidades de empregos destinado as mulheres negras são os de cargos considerados menos importantes na sociedade.

De acordo com Carneiro (2003) a mulher negra também é oprimida em espaços como mercado de trabalho, saúde, meios de comunicação, e etc., existem diversas situações onde a mulher negra se encontra inferiorizada. Silva 2013, afirma que para as mulheres brancas de classe média um trabalho remunerado é considerado importantíssimo para se alcançar autonomia e embora sejam necessárias políticas sociais que viabilizem melhores oportunidades e igualdade para as mulheres no mercado de trabalho, as mulheres brancas possuem mais facilidade de ingressar no mundo do trabalho, para as mulheres negras e pobres, a inserção no mercado de trabalho é precoce e precarizada, o que as oferecem oportunidades desvantajosas e inferiores as que são oferecidas para as mulheres brancas,

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ainda que as mulheres negras possuam escolaridade superior, elas são destinadas a ocuparem cargos de menor destaque, de certo modo o fato das poucas chances de ingresso no mercado de trabalho para as mulheres negras, está vinculado a situação de mulheres negras comporem a base da hierarquia social. Pinto (2016) diz que é comum que mulheres negras sejam menos remuneradas que os homens em todo o território brasileiro, deixam o mercado de trabalho mais tarde e nem todas conseguem a aposentadoria. Isso retrata as condições de trabalho a que essas mulheres são submetidas.

Outra maneira de violência as mulheres negras é a forma como o seu corpo e comportamento são reconhecidos e estigmatizados, o corpo da mulher negra é erotizado, visto com algo sedutor e que serve apenas para o prazer masculino.

(...) há uma forma específica de violência que constringe o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p.122)

A beleza e o corpo da mulher negra não são aceitos socialmente. Aguiar (2017) diz que as características físicas, os traços negroides são estigmatizados, e o padrão estético que segue uma linha eurocêntrica, onde a beleza está associada aos padrões brancos que jamais serão alcançados por mulheres negras. Isso revela porque existe a solidão da mulher negra, que é quando o parceiro não assume um relacionamento sério com uma mulher negra, ainda que mantenha relações afetivas com ela, mas não exita em surgir publicamente com uma mulher branca.

Como pode-se observar a mulher negra se encontra na base da sociedade, sendo oprimidas ao decorrer da sua vida e sofrendo violações em diferentes espaços, é essencial que os movimentos sociais de mulheres negras, a força e a luta de mulheres se reúnam em prol de discutir e alcançar a efetivação de direitos nos campos de gênero e raça, além disso é importante a atuação do feminismo, buscando reflexionar e debater sobre as vivências ímpares das mulheres negras e caminhos para que gradativamente ocorram mudanças que visem igualdade para essas mulheres.

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



### **3. Feminismo Negro: contribuições para o enfrentamento das violências de gênero e raça.**

O feminismo é um movimento político e social que busca a garantia da igualdade dos direitos sociais entre homens e mulheres e milita no sentido da autonomia das mulheres e da sua emancipação no sentido de quebra dos estigmas que a mulher carrega devido à construção patriarcal em que o nosso país se originou e se mantém. “[..]é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria. Esta coincidência entre militância e teoria é rara e deriva-se, entre outras razões, do tipo social de militante que impulsionou” (PINTO, 2010). De acordo com Pinto (2010), o movimento feminista teve início primeiramente na Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX, com mulheres de classe média, que passaram a se organizar em luta pelos seus direitos, sendo o primeiro deles o direito ao voto, esse movimento foi denominado de movimento sufragista.

A história do movimento feminista, de acordo com Toledo (2011), pode ser compreendida a partir de três grandes ondas. A primeira situa-se no final do século XIX, denominado de movimento sufragista (luta por direito ao voto feminino) e por direitos democráticos (direito ao divórcio, educação completa, trabalho, etc.). A segunda, no final dos anos 60, a luta por liberação sexual, e a terceira, no final dos anos 70, uma luta de caráter sindical, protagonizada pela mulher trabalhadora, na América Latina. (TOLEDO 2001 apud RAIMUNDO, GEHLEN e ALMEIDA, 2016,p.2)

O feminismo se originou a partir de um movimento de mulheres brancas Pinto (2010), afirma que as percussoras do movimento feminista foram mulheres de classes média, formadas. O que não significa dizer que não existiam mulheres negras feministas, mas que esse número era bem reduzido e que dentro do próprio movimento essas mulheres não tinham voz, as mulheres brancas não conseguiam visualizar as especificidades que atravessam o recorte de raça e por isso as mulheres negras eram invisibilizadas no movimento.

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.” (CARNEIRO, 2003, p.1)

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Segundo Carneiro (2003, p.119) “Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos.” Isso faz com que as mulheres consigam enxergar a partir do seu local de pertencimento, quais as suas especificidades. De acordo com González, as concepções do feminismo brasileiro:

padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constitui-se em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo. (GONZÁLEZ, 2000, apud PINTO 2003, p.3)

As violências vivenciadas pelas mulheres negras, apresentam diversas características típicas e que acontecem de várias maneiras e em diferentes âmbitos, por isso é muito importante a inserção de mulheres negras de todas as classes nos movimentos sociais, sobretudo, feministas pois ninguém melhor que elas para pautarem suas especificidades e confrontá-las. Carneiro (2013, p.2) afirma que o feminismo negro foi “construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas [...]tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.”

Ainda que muito julgado o movimento feminista vem ganhando força no Brasil se tornando um dos movimento sociais mais ativos e que vem traçando uma bela história de luta e conquista de direitos. Pinto (2010), afirma que com a redemocratização dos anos 1980 no Brasil, o feminismo adentra em um período de entusiasmo na luta pelos direitos femininos, a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher, em 1984 foi uma das mais importantes conquistas do feminismo no Brasil, que junto com o Centro Feminista de Estudos e Assessoria, de Brasília produziu e viabilizou uma campanha nacional que buscava a inserção dos direitos femininos na nova carta constitucional. “Do esforço resultou que a Constituição de 1988 é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo.” (Pinto, 2010,p.17).

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O feminismo negro também tem alcançados grandes conquistas, no que se refere a luta das mulheres negras pelos direitos sociais, Carneiro (2003) diz que o movimento de luta de mulheres negras, vem promovendo a síntese das bandeiras de lutas do movimento negro, enegrecendo as reivindicações femininas, dando representatividade ao conjunto de mulheres brasileiras e ainda traçando um processo de “feminização das propostas e reivindicações do movimento negro”. “O protagonismo político das mulheres negras, vem se constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil.” (CARNEIRO, 2003, p.129). Nessa perspectiva é importante refletir sobre a inserção de mulheres negras nos movimentos sociais é essencial que essas mulheres se tornem protagonistas das suas histórias e da luta pela efetivação dos seus direitos.

Segundo Carneiro (2003) entre as conquistas dos movimentos sociais das mulheres negras, tem-se “o reconhecimento do racismo e discriminação social, como fator de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil” que está diretamente vinculado ao “o reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza” é muito importante que esse fator seja reconhecido, pois a relação entre gênero, classe e raça, aponta a população de mulheres negras, são as que mantém índices de desigualdades sociais mais altos, por isso o avanço no reconhecimento da necessidade de políticas específicas que viabilizem oportunidades sociais para as mulheres negras é uma das alternativas para amenizar a questão das desigualdades sociais, outra conquista trazida pela autora “o reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a branca, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não-brancas.” Considero essa uma das conquistas mais importantes para o movimento de mulheres negras, para além de reconhecer as desigualdades sociais que estão impostas a esse grupo, é necessário visualizar quais os privilégios que a população possui, para que se pense, discuta e reflita quais os melhores caminhos e ações para que os “privilégios” se tornem acessíveis a todas.

#### **4.Considerações finais**

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A luta pela materialização dos direitos das mulheres negras vem contribuindo diretamente para o combate as opressões vivenciadas por esse grupo. É essencial que para o fortalecimento do movimento social de mulheres negras, que as produções a cerca da temática sejam discutidas e levadas para mulheres que possuem pouco prestígio na esfera social.

O acesso a informação é uma arma fundamental para o enfrentamento de qualquer tipo de violência, primeiramente porque nem todas essas agressões apresentadas ao decorrer do texto, são visualizadas como tais, para além de reconhecer a violência é necessário que a mulher saiba como enfrentá-la e a quais órgãos ou movimento social recorrer no caso de sofrê-las. O combate as violências começa dentro casa, por isso é tão importante o reconhecimento de violências que são tão naturalizadas e perpassa os outros caminhos que a mulher vai trilhando durante sua vida e quando a mulher percebe que ela tem direitos e voz para brigar por eles, ela o faz sem nem perceber.

O protagonismo e empoderamento é também uma forma de enfrentamento, quando uma mulher negra ocupa um espaço que lhe é negado, ela está contrariando a negação de direitos e reivindicando o seu acesso ao espaço. Essas ações manifestam a possibilidade de que seus participantes tomem consciência da realidade em que vivem, dos alcances e limites de suas próprias forças e, a partir desses movimentos, possam adquirir experiências, propondo novos modelos de organização e luta.

### 5. Referências

AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sócias: classe, raça. Gênero e etnicidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 1, n. 37, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminism, history and power. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

VI seminário CETROS  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



PINTO, Giselle. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. **Anais**, p. 1- 16, 2016.

RAIMUNDO, Valdenice José; GEHLEN, Vitória; ALMEIDA, Daniely. Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feminista e negro. **Caderno de Estudos Sociais**, p.1-8, 2016.

SILVA, Eliane Borges da. Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL O DESAFIO DA DIFERENÇA: ARTICULANDO GÊNERO, RAÇA E CLASSE**. 2000.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdades de Renda. In: MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. Cap. IV. p. 109-132.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. 1.ed. Brasília, 2015.